

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 7.º

15 DE ABRIL DE 1848.

N.º 80

## AMOR MATERNO.

*Vox audita est in Ramã.*

*Rachel plorans filios suos... et noluit consolari quia jam non sunt.*

Cada vez que lemos estas palavras da santa escriptura, estas palavras que em sua singeleza revelão os mais reconditos arcanos do coração materno, os mais pungentes segredos da dôr, cabe-nos o livro das mãos, e absortos parece-nos ter ante os olhos essa mãe sublime, que não quiz ser consolada porque elles, seus filhos, já não existem! oh! qual o poeta, qual o autor profano capaz de com taõ pouco esforço, com taõ poucas palavras, e tanta verdade communicar-nos taõ profundas sensações!

Livro sagrado, quando para provar-nos que não és obra de homens, que és filho da inspiração, faltassem argumentos, bastaria teu estylo para convencer os mais incredulos bastaria tua poesia, o tua eloquencia!

Mas aonde nos leva a penna? não é o elogio da biblia não são bellas phrases sobre o amor materno que intentamos escrever; quereamos, leitor benevolo contar-vos uma historia, que achamos em um livreto que nos veio as mãos: traduziremos, que nada ha de melhor, porque nada ha que dê

menos trabalho: traduziremos mas com a liberdade de que usamos iremos cortando no original o que nos parecer inutil, desenvolvendo o que julgarmos carecer de desenvolvimento, alterando o que acharmos que para ser mais facilmente entendido deve ser alterado. E' a historia de Rog, a historia de um cão, que vos vamos contar: ouvi-nos.

Na cidade de Londres em uma casa de Euston-Square morava uma familia abastada: tudo no seu interior annunciava a independencia de fortuna filha da liberdade e do commercio, nada faltava, nada havia de inutil verdadeiro justo-meio entre o fausto da nobreza, e a miseria do povo. Virtude do protestantismo, — o azeio reinava em toda a parte: ás nove horas todas as camas estavam feitas toda a casa varrida e limpa, todos os moveis sacudidos: era o silencio de um templo methodista, e o azeio de um escriptorio hollandez.

Era a morada de Mistriss Philipps, filha de um opulento mercador de ferragens, que tendo em seu negocio agenciado grande fortuna achou que devia com ella dourar o braço de algum nobre famiato, dando-lhe a mão de sua filha; mas o merca-

dor não foi tão nescio que não soubesse assegurar o futuro da filha e por isso no contrato de casamento estipulou que ella conservaria inteira a propriedade, administração e usufructo dos bens que lhe dava, ou que por sua morte herdasse. Prudente foi a estipulação porque o lord era um debochado, e perdulario, que dava muito má vida a sua mulher. Elle tinha sido desterrado de Londres, e de seu desterro só se lembrava de escrever-lhe para pedir-lhe dinheiro para ameaçá-la, e para desejar-lhe a morte, a fim de poder, tutor de sua filha, entrar na administração e gozo de sua fortuna e esbanjá-la.

Mistriss Philipps tinha, como já annunciámos, uma filha, era a pequena Lucy, menina encantadora, — como o são todas as meninas na Inglaterra. — Na epocha em que vós representamos esta familia, Lucy tinha quatro annos e nada havia mais engraçado, mais lindo, mais côr de rosa do que a pequena Lucy. E por isso era ella o objecto unico dos pensamentos dos desvellos de sua mãe, e de Sarah, criada da casa, já meia madura, que havia carregado com o maior pezo de sua criação. Mil vezes ambas se encontravao alta noite ao pé do berço de Lucy: vinhaõ ver se Lucy estava bem coberta, se Lucy estava socegada, se a luz da lampada não lhe dava nos olhos: mas tudo isso eraõ pretextos; o que as levava ao pé do berço era o desejo de respirar o halito de Lucy, de beijar-lhe a angelica boca, e de contemplar absortas as graças de sua filha.

Mas o medico lhos havia á ambas prohibido essas imprudencias, que ambas eraõ doentias e podiaõ assim comprometter sua saude; um rheumatismo agudo atacava Sarah; e Mistriss Philipps era valetudinaria, e depois de seu parto ia diariamente elanguecendo. Quando se encontravaõ as duas mães: — Quo vindes fazer aqui senhora, dizia Sarah e vossa languidez! Que vindes fazer aqui Sarah! é vosso rheumatismo! — Eu ouvi a menina chorar, senhora. — E' mentira, Sarah ha mais de duas horas que estou acordada. — Ah! senhora, tanto tempo acordada, e o medico, e vossa saude! — Olha Sarah! olha para Lucy, vê como dorme! como está surriudo! — e ambas emmudeciaõ contemplando, adorando sua filha. Sim, que os meninos, quando dormem, são anjos, sobem aos ceos, — e se nós não dizemos o que lá vem é porque o esquecer.

Mas quem era esse medico, a cujas ordens tanto obedeciaõ as duas mães? Consinta o leitor que com elle gastemos algumas palavras.

Chamavaõ-o o doutor Yong, havia sido o medico de Mistriss Philipps, quando douzella, e medico de sua mãe; e por isso tinha naquella familia uma autoridade de avô: confidencia das enfermidades do corpo, tinha alcançado sem indiscripção, pelo ascendente unico de sua posição, confidencia das enfermidades da alma. Amigo da mãe de Mistriss Philipps tinha aconselhado seu casamento, e o bom emprego de sua fortuna e agora que a má conducta, e o aban-

Dono de seu marido a fazião desgraçada, condemnava-se com a devoção de um bom pae a reparar o erro, com que sua imprudencia havia carregado o futuro de sua filha. E quando as forças de sua protegida cedião ao pezo dos desgostos, quando a irritaçã moral, influindo no sangue se trastornava em languidez febril, depois de ter combatido a tristeza com palavras consoladoras, combatia a enfermidade com as armas da sciencia. Apontando-lhe Lucy tão fecunda em graças, e belleza, obtinha que um sorriso de esperança animasse as macilentas faces; e os labios descorados de Miss-triss Philipps; e assim por meio da mãe salvava a mulher como as vezes se cura um membro doente tratando de outro membro.

Por inconcebivel facultade de sua nobre profissão, o dr. Yong exercia em 20 familias diversas essa doce paternidade da sciencia, sem nunca se esgotarem seus recursos de affeição, e bondade.

Avaliaes bem o sacrificio deste homem, que em quanto pensaes em vossa fortuna, em vossos prazeres, pensa elle em vossa vida, que lhe levas toda dilacerada pela luta do mundo, e das paixões? — Para vós a alegria, — para elle não — uma operação dolorosa precedeu seu jantar, outra o espera quando acorda, e sua mão não deve tremer. Em quanto vos rides elle pensa; em quanto dãnças ao som de mil instrumentos, ao clarão de mil bugias, elle recebe em seus braços a joven esposa, na

hora dolorosa do parto, passa a noite em pé, junto della, acompanhando suas dores, animando-a com o futuro da maternidade. Ei-la nae; elle se retira sem duvida para descansar: não, á porta o espera uma carruagem; é lhe preciso ir ver um velho que a apoplexia acomometeu. Acaba de dar vida a um infante eae arrancar á morte um velho! Sua existencia ei-la ahi, é um combate continuo com a destruição, é o espectáculo da humanidade em perigo, palida e agonisante. E quando o menino nasceu, quando o velho voltou á existencia, dão-lhe alguns vintens a este anjo da ressurreição, e dizem: — Paguei-lhe seu tempo. E o medico recebe esses vintens, e não tem direito de queixar-se da ingrátidã! Eis o que era o dr. Yong.

Temos percorrido todas as personagens do drama: . . . ah! faltava-nos fallar da principal, de Rog. Rog era um caxorro da mais feia raça que se pode imaginar, seu pelo era de uma cor suja, suas orelhas disformes e sempre em uma direcção: quando uma se levantava abaixava-se a outra; signal phrenologico de cães ladrões. Apesar porem de sua fealdade, apesar de seus olhos apagados, apesar de tudo Rog era amado, porque Rog era moço, e tudo o que é moço agrada; Rog era o companheiro inseparavel da pequena Lucy, que juntos brincavão, que juntos rolavão pelo chão que juntos dormião abraçados; o unico enfeite do cão era um luído e lar de latao com este fustreiro: — Rog

pertence á pequena condeça Lucy.

Um dia . . . — Mistriss Philipps, que se sentia ir abatendo, havia nas vesperas com seu amigo o doutor dado providencias, para que a fortuna que, por sua morte tinha de pertencer a Lucy fosse posta em bom recato e escapasse á administração de seu marido, tutor natural della, que a havia de esbanjar. — Um dia a porta da casa de Euston Square estava escancarada e as janellas tambem: cousa sem exemplo nesta morada da ordem e do socego.

Mistriss Philipps interrogava a Sarah precipitando ambas, gestos e palavras . . .

— Examinastes tudo, tudo? Sarah! não me atemoriseis com esse ar espantado.

— Examinei tudo, senhora, tudo.

— E o jardim?

— E o jardim, o pateo, por traz das portas, dentro dos armarios

— Sabeis que ella brincava em baixo da caua . . .

— Por baixo da cama tambem, sra.

— E nas aguas furtadas?

— A menina nunca lá subia.

— Ide, ide ver: há de estar nas aguas furtadas.

Sarah ja tinha subido, e de lá gritava: — Não está, sra.

— Vede nos telhados.

— Não está, sra.

— E' que não sabeis procurar, descei que eu subo.

A rua estava toda em alvoroço, as janellas abertas todos uns para os outros perguntavaõ, se tinhaõ visto a pequena Lucy,

Não — era a resposta de todos, resposta que cahia como uma massa de ferro sobre o coração da mãe! Certeza horrivel! ninguem naquella quarteiraõ sabia da menina ninguem podia dar informações a seu respeito.

— Mas, Sarah, dae-me um conselho — Que fazeis ahí com esse ar de consternação! Tomae de mim exemplo; vede, eu não desanimo. — A misera estava livida.

Oh! conselhos não faltavaõ: uns diziaõ que fosse á policia, para que a policia a procurasse; outros lembraõ q's inspectores do rio para ver se a tinhaõ achado afogada.

Em fim Mistriss Philipps lembrou-se do seu amigo, do dr Yong, e — vou ter com elle Sarah! ficae na porta á minha espera; não vos retireis daqui; pela alma de vossa mãe vos imploro,

Ah! senhora! . . .

— Sim, ficae aqui para recebê-la, quando a trouxerem, e dae abri minha secretaria dae, aqui tendes a chave dae 10:000 guineos a quem a trouxer; mais ainda, se mais pedir; tudo, se tudo quizer.

E ei-la a pobre mãe, que corre pelas ruas do Londres em busca da filha, ou da casa do amigo.

Para recuperar o tempo que sua irresolução perdêra-lhe enfia ruas, e ruas sem saber onde está, sem se lembrar para onde se dirige, só sabia que perdeu sua filha, só se lembra que a anda procurando. No meio da bucha, do tumulto, só ouve a voz de Lucy que esmagada pelos pés dos cavallos, pelas rodas das carruagens

grita — mamee! — e porisso não olha senão para baixo das rodas e dos pés dos cavallos. Chega-se para todos os grupos de meninas que encontra, olha para ellas: são filhas de outras; como que as amaldiçoa, — sim que o excesso da desgraça é egoista tanto quanto o excesso da felicidade.

Seus olhos ao longe procuraõ nesse mar de homens e de cavallos um vestido branco, um avental verde, um chapeo cõr de rosá; — que descobriu? Eil-a que corre eil-a que passa por entre dous carrinhos por onde parecia impossivel que passasse o corpo mais delgado, porem as mães, quando procuraõ suas filhas, não tem corpo; — que descobriu? foi ao longe um chapeo cõr de rosa: um chapeo cõr de rosa é sua filha; — não, uma modista o levava, era alguma encomenda.

Sua filha, sim sua filha ha de ser essa cabecinha loura que longe, avista: Lucy tinha um chapeo: um chapeo? roubaraõ-o, perdeu-o; sim, ha de ser Lucy.

Exausta de forças Mistriss Philipps já não pode andar. — poem-se a correr.

E a criança ao longe corre tambem; — E' Lucy não ha duvida, é Lucy: como corre! ella me está procurando. Lucy! Lucy! Ella me não ouve: estas soges fazem tanta bulha! Lucy - Lucy! não tenho forças para alcançal a: perdela hei de novo! ah meu Deus! deixae-ma alcançar, ainda que logo depois eu morra! —

E o peito da misera mãe está arrebatado; dores horriveis a puntem n'um lado: — Lucy Lucy exclama, — e a menina pára: — Que quereis com Lucy, sra., como sabeis meu nome?

A menina era filha de outra mulher e chamava-se tambem Lucy.

Neste instante de horrivel decepção. Mistriss Philipps desconfiou de Deus, e — Que te fiz exclamou, para ser assim ludibriada!

Prostrada simi-morta achou-se, sem saber como, perto de um cemiterio: meninas vestidas de branco estavam juntas, e não brincavaõ: um pensamento serio as preocupava.

— Sois vós, sra., disse-lhe uma dellas, a mãe da menina afogada cujo corpo esperamos para acompanhar ao cemiterio,

Mistriss Philipps tremeu, e com uma voz que atterrou suas interlocutoras exclamou: — Afogada! e desde quando? — Desde hontem. sra. vós deveis sabel-o, porque sois sua mae.

— Minha filha ainda está manha estaya viva.

— Então foi esta manha que morreu vossa filha?

— Morreu! não, perdeu-se e eu a estou procurando.

— Não vos lastimeis assim, sra. perdi-me tambem na idade de 4 annos, acharaõ-me e levarãõ-me para casa.

— Levarãõ-te, e viva?..

A menina desatou a rir. — Si n que me tinhãõ ensinado a dizer *chama-me Sophia Vernon, moro em Kippel-Street n.º 20.*

— Ah! como fui imprudente! mi-

nha Lucy não sabe como se chama, nem onde mora!

A desesperação tem gradações, não mata de uma vez: se o fizesse, seria um mal? Ella nos deixa, e depois volta, varia de forças, zomba com nosco, e mente. Seu nome mesmo é uma implacavel mentira; esperamos mesmo na maior desesperação.

A crise das lagrimas chegou em fim para Mistriss Philipps. Até agora, disse, tenho procurado minha filha, ainda por ella não perguntei a ninguém; — e chegando-se para um homem que ia passando: — Sr., sabeis dizer-me se acharão uma menina de quatro annos, muito linda, vestida de branco com um avental verde, e chapeo cor de rosa? sr., eu sou sua mãe: respondei-me pelo amor de Deus. — Sra. respondeu elle, sabeis me dizer se acharão 3 mil guineas muito novos, e muito bonitos? Erao meus, perdi-os no jogo; respondei me pelo amor de Deus!

A pobre mãe julgava fallar com um homem, faltava com um jogador.

Enfim ella achou-se n'um caes muita gente estava reunida em torno de um homem que lia um pregão, ella confundio-se com a multidão, e ouviu attenta; o homem dizia: — Perdeu se hoje ás quatro horas da tarde uma menina de 4 annos, que morava em Euston-Square... —

Mistriss Philipps chegou se até o interior do circulo. — Trajava um vestido branco um avental verde... — a mãe bebia as palavras do homem

do pregão. — Avental verde e chapeo branco; excellentes alviçaras & quem a restituir a sua mãe. — Hi um erro, sr.; um erro em vosso pregão, a menina tinha um chapeo cor de roza. —

— Olha a ladrona, como se atraiçoou, gritão mil vezes n'uma só voz, e maldições, e ameaças, e pancadas cahem sobre a misera. — Da-nos conta da menina ladra infame, da menina que roubaste — Não fui eu quem a furtei, eu a procuro, sou sua mãe.

— Tu sua mãe, tu amarella como uma criminosa! — Sou sua mãe.

— Tu, com esses cabellos desatados, cobertos de sangue, e lama! — Sou sua mãe.

— Tu miseravel, sua mãe, tu infame, tu ladra? — Serei o que quiserdes, mas sou sua mãe.

— Si és sua mãe, toma, aqui está tua filha, — disse uma mulher trazendo nos braços uma criança.

Mistriss Philipps precipitou-se, e depois reconou; — Não, disse, essa não é minha filha. —

— E' uma boa mãe e uma mãe verdadeira, clamaraõ todos á uma, não é uma ladrona de crianças.

A criança havia sido trazida para examinar se Mistriss Philipps tinha realmente perdido sua fillia, ou se era alguma ladra de officio.

E como a haviaõ insultado, lastimaraõ-a: como a haviaõ maltratado, abraçaraõ a, e acompanharaõ-a em cortejo até sua casa, prometendo procurar sus fillia, e separaraõ-se repetindo pelas ruas — Perdeu-se uma menina, chamada Lu-

cy . . E as mães que a estes gritos despertavaõ espavoridas, abraçavaõ suas filhas.

Eraõ duas horas da noite, haviãõ dez horas que Mistriss Philipps tinha sahido. e dez horas tambem que Sarah a esperava na porta. As duas mulheres encatavaõ uma para a outra: e se entenderaõ sem se fallarem: juntas entraraõ, e foraõ sentar-se perto de um fogareiro, sem notar que não havia fogo acceso, e conservaraõ-se mudas por mais de meia hora: emfim interrompendo o silencio, Mistriss Philipps disse: — Sarah os que hoje não jantaraõ devem ter fome a esta hora! — Perdoae-me, sra., hoje não me lembrei do jantar. — Sarah, os que não tem fogo para os aquecer, devem estar com frio á esta hora! — Perdoae-me, sra. eu vou acender o fogo. — Sarah, os que não tem cama para os agasalhar, devem passar bem má noite. — Perdoae-me, sra., vou indrèitar a cama. — Sarah; Lucy não jantou, Lucy tem frio, Lucy tem somno, talvez. . . .

E depois a mãe dirigiu-se para a cama da filha e beijou no travesseiro o lugar em que descansava sua cabeça, e endireitou a coberta, e feixou o cottinadõ, como se sua filha estivesse deitada; depois virando se deu com Sarah, voltou a si e cahiu chorando nos braços della.

Dois gritos ao mesmo tempo sahiãõ por fim de suas bocas: — Sarah! — Senhora! — Ouvis? — E' elle. — E' elle? — Sim. E' Rog, sra.; como ladra! dir-se-ia que nos está chamando!

do! — Traz-me minha filha — Nós sa filha, sra. — Ah! meu Deus, meu Rog, vem meu filho! — E arbas desceraõ para abrir a porta — Era Rog, Rog muito entameado, muito sujo, tendo na bocca um grande osso: era o que trazia, — contaes com o instincto dos animaes!

No dia seguinte o dr. Ycng estava consolando as duas mães. — Não vos deixeis abatter, esperai ainda sra.

Ah! vós esperais ainda, disse Mistriss Philipps com um tom de desdem, e de tristeza. — Sim espero que confio na efficacia de muitos meios de que vos não lembrastes

Um signal negativo um leve movimento de cabeça foi a unica resposta da mãe. — Sim, continuou o dr., raciocinemos. Não se roubaõ crianças por amor de crianças, nem para mata-las, nem para vendel-as.

O dr. parou, que não sabia como continuar seu raciocinio. — Deve-se ter algum fim; e esse fim. . . O dr. estava suando. — Esse fim é sempre um interesse; offerecci um interesse maior, vossa filha ser-vos-há restituida.

Mistriss Philipps sahiu entãõ do torpor em que estava, e olhou para o dr.: este proseguiu: — E como saõ sempre pobres os que roubaõ crianças, offerecendo dinheiro. . . .

— Sim, siu exclamou Mistriss Philipps, offerecendo dinheiro muito dinheiro, nossa filha ser-nos-ha restituida. Sarah dae-me uma penna, papel, depressa: dae-me. — E cila se pôz a escrever depressa, convulsa, palavras illegiveis que riscava,

que emendava. Sua mão esquerda applicada ao peito mal podia conter os impetus do coração. — Eis-aqui, disse ella, e que amanhã se leia em todos os cantos de Londres, daqui a tres dias por toda a Inglaterra, por toda a Europa: eis-aqui! Ah! doutor. Deus vos inspirou um pensamento de arjo. Toma Sarah, vae á imprensa, manda que tirem deste annuncio um milhaõ de exemplares e que daqui a uma hora em cada canto da rua leia-se;

“Uma mina de carvão que rende  
 „ por anno cincoenta mil guineos, —  
 „ mais duzentas mil libras esterlinas  
 „ de acções da companhia das Indias,  
 „ (é a metade do que possuo doutor)  
 „ a quem restituir á sua afflicta mãe  
 „ uma menina de quatro annos, cha-  
 „ mada Lucy, em Euston-Square  
 „ freguezia de S. Pancracio. Para  
 „ segurança da promettida recom-  
 „ pensa depositaõse os titulos das  
 „ propriedades em casa do tabellião  
 „ Burns e uma mãe o jura por Deus,  
 „ e por sua dôr.”

O choque desta imprevisita esperança a fez succumbir ella deixou-se cahir n'uma cadeira; seu semblante estava livido como o de um cadaver, mas um sorriso pairava em seus labios. Uma circumstancia imprevisita veio pôr fim a este abatimento.

Dous individuos entraraõ: um era mercador de roupa, — Rog — havia dilacerado, um por um todos os vestidos de criança de casa que esvaõ expostos á venda, Mistriss Philipps pagou-lhe o damno.

A outra era uma modista, que recla-

mava o preço de um chapeo de me-  
 pua côr de rosa, que o caõ havia  
 estragado Mistriss Philipps pagou-  
 lhe tambem: e depois pondq ao col-  
 lo o pobre Rog, que de susto tre-  
 miã: passou-lhe a mão pela cabeça  
 beijando e chegando-se-lhe ao ou-  
 vido: — tu taõhem meu Rog, pro-  
 curaste Lucy tu procuraste Lucy  
 e não achaste: — á repetiçaõ do no-  
 me de Lucy, Rog soltou um gemido.

Tu a procuraste como eu a pro-  
 curei, andaste pela lama toda a noi-  
 te, por entre cavallos, e sejes! Rog  
 agitou-se convulso. Maltrataõ-te,  
 como me maltrataõ; expulsaraõ-  
 te, como me expulsaraõ, meu Rog:  
 — fajscas eletricas sahiraõ dos olhos  
 do caõ. Espancaraõ-te como me es-  
 pancaraõ! — Rog gemeu, gemeu; —  
 a dor tem uma lingua geral intel-  
 givel para todos os antes.

— Vamos, disse o doutor, é pe-  
 rigoso o excesso de sensibilidade á  
 que vos entregaes.

— Mas, doutor, disse Mistriss Phi-  
 lipps banhada em pranto, si Rog  
 rasgou esses vestidos brancos, si el-  
 le rasgou esses chapeos côr de rosa  
 foi porque tambem procurou minha  
 Lucy, que Lucy quando se perdeu  
 tinha um chapeo côr de rosa, e um  
 vestido branco.

Tres annos passaraõ.

O vento a chuva rasgaraõ de há  
 muito os annuncios da recompensa  
 promettida a quem trouxesse a me-  
 nina. . . Lucy está para sempre per-  
 dida. Ella teria agora 7 annos, ida-  
 de encantadora / sempre presente aos  
 olhos da imagiaçaõ de sua mae, —

ella acompanha todos os desenvolvimentos da intelligencia e do corpo de sua filha.

Mas essa engenhosa illusão, bem que consoladora, não podia furtar-lhe o coração: esses trez annos tinham causado bastantes alterações: antes porém que as notemos cumpre dizer que lord Philipps havia morrido em seu desterro das consequencias de um duello.

Mistriss Philipps já de-ha muito que se não ergue da cama, a seu lado duas cadeiras estão sempre occupadas, uma é de Sarah, outra do dr. Yong: victima tambem da destruição do tempo, e dos pezares, já bem enfermo e quasi cego, o dr. Yong passa seus dias á cabeceira de sua amiga.

Estava-se no verão: alegres raios do sol brilhavaõ na camara, — camara de enfermo; atmosphera de ether, e de remedios; garráfas cobrião as mal dispostas mezas. A cama estava virada para a janella de modo que a claridade dava em cheio sobre as faces macilentas e palidas da enferma; seus olhos azues conservavaõ algum brilho, mas tinhaõ perdido sua vivacidade, e estavaõ turvos; una mosca importuna vinha obstinadamente poisar sobre seus labios descorados. Um berço vazio estava ao pé da cama.

— Que bello dia, dr. para aquellos que estão no campo! — E' prazer de que ainda havemos gosar neste verão. — Dr., já não tenho pernas. — Ah, era, se eu pudesse recuperar a perdida vista, como estou certo que re-

cuperarei o uso das pernas, de alegre quebraria já e já estes oculos. Mas, paciencia vós me guareis e apoiar-vos-heis em mim. — E quem me carregará a mim, que mal posso mover-me por causa de meus reumatismos? interrompeu Sarah, indiciando o travesseiro que erguia a cabeça de sua ama. Será esse pobre Rogtão velho, tao maltratado, alem do cego?

Admiração deve causar que o nome de Lucy não tivesse sido proferido entre estas trez pessoas, que costumavaõ sempre tel-o na boca: é que ha um anno o dr. obteve de Mistriss Philipps sob pena de não voltar mais a sua casa, que della se nao fallaria, pois bastava proferir esse nome para despertar na mãe interminaveis crises nervosas e mortal habatimento: para condescender com o amigo a mãe só fallava de sua filha a Deus, a Deus que se não cança de ouvir as mães

— Dr., continuou ella, affectando um ar alegre, tenho que pedir-vos um favor. — Que favor me direis que vól-o não conceda? — Prometteis-m'o? — Sim, fallae.

E o doutor pegou na mão de sua amiga, e fingindo que escutava o que dizia, só escutava a reveladoura arteria — Eu desejava conversar com um sacerdote, nosso excellente pastor, M. Burney. Não ralheis comigo. — E' já bem tarde! disse o dr. consigo mesmo. e em voz alta — Eu ralhar comvosco! — Dr. eu sei que não estou muito mal; mas é um desejo, que tenho... (Ella sen-

tia-se ir morrendo, mas queria illudir o dr.) — Muito mal! pelo contrario, acho-vos melhor (e duas lagrimas não-se engrossando nos olhos do dr.) — Sim doutor eu me sinto melhor. (E as extremidades do corpo lhe estavam enregeladas.) Comtudo ide buscar o pastor. — Sim sim, eu vou: mas por isso que vos obedeço com tanta promptidão, não imagineis que vos acho em perigo. — Ah! como o illudi disse consigo a misera, quando o viu sahir, sinto que não tenho duas horas que viver.

— Ah! como a illudi! disse o dr. entrando em seu carrinho: daqui a duas horas ella terá cesado de pa-decer.

— Sarah! Sarah! abre depressa esse armario, depressa, dá-me o baú-zinho de cedro.

Sarah obedeceu: Mistriss Philipps estava branca como seu travesseiro; ella pôz as mãos em cima do baú, abriu-o, sustentando a tampa: mas as forças lhe faltarão, a tampa cahiu, o cofre feixou-se. Ella o abriu de novo, e com a veneração devota de quem pega em reliquias santas, com a avidéz ingenua de noiva que contempla seus atavios, ella tirou do baú o enxoval de sua filha. Camisinhãs bordadas, toucas graciosas, çapatinhos que mais andão na algibeira das mães do que nos pés da criança, brincados inumeros, bonecas de todos os tamanhos, irmãs sem vida da irmã que com ellas brincava: — Mistriss Philipps as beijava nas faces que sua filha as havia beijado:

e depois desdobrava as camisinhãs, e beijava-as no lugar por onde devia passar a cabeça de sua filha, e *Farewell!* dizia-lhes — *Farewell!*, esse tão terno, e tão cumprido *adeus* dos inglezes. — E depois abria os vestidos, beijava-os, dobrava-os de novo, e dizia-lhes *adeus*: e depois pegava nas pequenas meias enfiava-as em seus braços desearnados beijava-as, dizia-lhes *adeus*: *adeus* tambem (e seus olhos não feixando-se) *adeus* nos çapatinhos, *adeus* ás toucas *adeus* a tudo *adeus* *adeus*. Ella já nada via e ainda procurava beijar o que lhe restava de sua filha, e já não podia acertar com a boca... *Adeus!*

E a tampa do baú cahiu. — Sarah feixou os cortinados, acendeu uma lampada, e orou.

O dr. Yong ao entrar no carrinho, morreu, atacado de apoplexia.

Toda a fidalguia ingleza precedia o enterro de Mistriss Philipps. — O rei tinha, para honral-a mandado suas carruagens. Detraz dos grandes, detraz dos nobres, detraz dos ricos, detraz do povo, detraz dos pobres que choravão,

ha um cão cego.

Entre os papeis de Mistriss Philipps achou-se este testamento. — „ Todos os meus bens, excepto a casa em que morei que fica pertencendo a Sarah, serão para aquelle que com o favor de Deus, meu senhor misericordioso, achar minha Lucy.

„ Os que me amão perdoar-me-hão não ter feito esse sacrificio em quanto fui viva: meu marido tambem vi-

via, e por isso eu não podia dispor  
senão da metade da minha fortuna, .."

E oito annos depois em um pas-  
sageio de Londres, a multidão se api-  
nhou n'um ponto, e nesse ponto viu-  
se um cão puchando puchando pelas  
mangas, pelas saias de uma moça de  
15 annos. Espanca-o, e elle nao a  
abandona; canção-se de espancal-o,  
e elle se não cança de soffrer; sua  
cabeça está toda ensanguentada, san-  
gue e lagrimas sahem das cavidades  
de seus olhos. A moça bém que as-  
ustada, pôde ler na coleira do cão a  
palavra — Rog, — ella diz, Rog! e o  
cão larga o vestido que estava dila-  
derando, e julgando-se reconhecido,  
salta, pula de alegre, põe-se a dan-  
çar, e obriga a moça a segui-lo. Ella  
vai pouco a pouco recordando cousas  
de que já se não lembrava: esta pa-  
rede branca não lhe é estranha, esta  
porta, . . . O cão poz-se a latir.

A porta abriu-se, e Sarah que n  
veio abrir, recuou: a moça era Lucy.  
— Lord Philipps a havia mandado  
roubar para impossibilitar que Mistriss  
Philipps o privasse por sua morte da  
administração dos bens de sua filha.

### ANECDOTA.

Mr. de Silhouette estava para  
ser apresentado a Luiz XV, na  
qualidade de Syndico-Mor do Rei-  
no. Persuadido que o rei o inter-  
rogaria sobre objectos relativos ao  
seu ministerio, cuidou de veras  
em por-se em estado de poder  
responder a tudo. " Mr. de Si-

houette ,, lhe disse o rei " o vos-  
so castello de Silhouette é magni-  
fico. Quantas janellas tem elle de  
frente? Não sei; ,, respondeu o  
ministro, que de certo não conta-  
va com semelhante pergunta; e o rei immediatamente lhe vol-  
lou as costas. " Mr. de Silhou-  
ette, ,, disse Mr. de Caracioli,  
embaixador de Napoles, que en-  
tão se achava presente; " vós fi-  
,, zestes muito mal em responder  
,, não sei; quando se está con-  
,, versando com os reis, é pre-  
,, ciso sempre mostrar que se sabe  
,, tudo, ainda mesmo aquillo que  
,, de todo se não sabe. Vale mais  
,, responder ao acaso, do que con-  
,, fessar ignorancia. Olhai; o rei  
,, sabendo que eu já estive em  
,, Veneza, inopinadamente me  
,, perguntou antes de hontem:  
,, St. embaixador - de quantos ju-  
,, izes se compõe o conselho dos  
,, dez? De dezoito, Senhor, lhe  
,, respondi eu logo sem hesitar;  
,, e S. M. ficou muito satisfeito  
,, com a minha resposta. ,,

### INSURUCÇÕES LACONICAS DE FREDE- RICO II A UM GENERAL.

Escrevendo Frederico II um dia ao ge-  
neral Salmon se expressava deste modo: ,,  
Meu caro Salmon, se os Austriacos passa-  
rem pelo meu territorio, dizei-lhes que se  
enganarão no caminho; se quizerem fazer  
vos observações, aprisionai-os; se se de-  
fenderem, matai-os. ,,

CASAMENTO A' GUIZA DE GUI,  
LHEAME TELL,

Nas gazetas francezas recém-chegadas encontramos a seguinte anedocta:

“Uma das nossas damas elegantes e românticas, muito rica, e viuva ainda moça, annunciou ha poucos dias aos seus numerosos pretendentes que se achava resolvida a contrahir segundas nupcias. Esta declaração fez a no-sa viuva no circo de Lepage, onde concorre diariamente, vestida de homem, para o exercicio de atirar ao alvo á pistola. Logo os pretendentes que ouvirão a suspirada resolução da sua dama se apinharão em torno della para implorar a preferencia, porém seu ardor esfriou consideravelmente quando a joven viuva lhes manifestou que só daria a sua mão de esposa áquelle que consentisse em ter o seu relógio pendurado na ponta dos dedos, a 30 passos de distancia, para lhe servir de alvo, que ella prometteria esmigalhar ao primeiro tiro de pistola. M. de F. . . , o mais intrepido ou o mais enamorado, foi o unico que consentio, em admitir tão perigosa clausula. Collocou-se com effeito, a 30 passos apresentou o seu relógio e esperou o tiro. O relógio foi partido em mil pedaços ao primeiro tiro, e a viuva cumpriu a sua palavra casando com o intrepido pretendente. Hoje não he conhecida em Paris esta senhora senão pelo nome de *Madame Guithérme Tell*.”

## A PEDRA DO ESCANDAHO.

È mui vulgar usar-se desta expressão, quando se quer tornar mais odioso o máo procedimento de qualquer, que pelas su-

as acções offende a honra, e o decoro publico: pelo que convém saber a causa, que motivára esta expressão. Havia uma pedra elevada junto do portico principal do Capitolio da antiga Rôma, na qual se achava esculpida a figura de um Leão. Aquelles que fazião banca-rotta, ou quebra dolosa, e que se vião na necessidade de abandonar os bens aos seus oredores, erão obrigados a assentar-se nús sobre esta pedra, e clamar em alta voz — *cedo bona* — eu abandono os meus bens, seguindo-se a esta declaração o baterem tres vezes na dita pedra com o trazeiro; com effeito, sendo de inverno, não era má peça; pobres homens!. Passada esta pratica irrisoria, (que todavia para alguns seria forte motivo, para serem mais escrupulosos, e não delapidarem os bens dos outros) não podião ser mais inquietados; e além disso ficavão diffamados, erão declarados intestaveis, e ate não podião depor em juizo como testemunhas; tal era a maneira como corrigião os devedores dolosos.

A charada do numero antecedente é — Macahé —

Ouro Preto, 1848. Typ. Imp. de  
B. X. P. de Sousa.